2 – Taxonomia e distribuição geográfica

Francisco Xavier de Souza
Francisco de Queiroz Porto Filho
Nouglas Veloso Barbosa Mendes

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SOUZA, F. X., PORTO FILHO, F. Q., and MENDES, N. V. B.
Taxonomia e distribuição geográfica. In: *Umbu-cajazeira*:
descrição e técnicas de cultivo [online]. Mossoró: EdUFERSA,
2020, pp. 16-20. ISBN: 978-65-87108-02-5.
<https://doi.org/10.7476/9786587108599.0004>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

2

TAXONOMIA E DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

O gênero *Spondias* foi um dos primeiros da família Anacardiaceae classificado por Linnaeus em 1753, nominando a cajazeira ou o taperebazeiro (*Spondias mombin* L.) como a primeira espécie (AIRY SHAW; FORMAN, 1967). O táxon *Spondias* possui 18 espécies distribuídas nos neotrópicos, na Ásia e na Oceania (MITCHELL; DALY, 1995). Além da *Spondias mombin* L., também estão agrupadas as espécies *Spondias purpurea* L. (cirigueleira), *Spondias dulcis* Parkinson (cajaraneira ou cajá-manga), *Spondias tuberosa* Arruda (umbuzeiro) e *Spondias* sp. (umbu-cajazeira ou cajaraneira). Todas são árvores frutíferas tropicais, cujos frutos são nutritivos e possuem elevado valor comercial e agroindustrial, com importância socioeconômica nas suas zonas de dispersão.

Existem controvérsias quanto à nomenclatura botânica da umbu-cajazeira. Giacometti (1993) menciona que a umbu-cajazeira provavelmente seja um híbrido natural entre o umbuzeiro (*S. tuberosa* Arruda) e a cajazeira (*S. mombin* L.). Posteriormente, Silva Júnior et al. (2004) denominaram a espécie como cajá-umbu e sugeriram que se trata de um híbrido entre o umbuzeiro e a cajazeira. Segundo Carvalho (2006), há pelo menos dois táxons distintos de umbu-cajazeira: um táxon de umbu-cajazeira do Norte, cujos centros de diversidade são os estados do Ceará, da Paraíba e do Rio Grande do Norte, e outro táxon do Sul, disseminado no estado da Bahia (Figura 1). Almeida et al. (2007), ao examinarem a citologia de cinco espécies de *Spondias* e da umbu-cajazeira, não conseguiram diferenciar os genomas individuais no híbrido. A partir da bandagem

cromossômica, da distribuição dos sítios de rDNA e da hibridização genômica *in situ*, ficou claro que a umbu-cajazeira está intimamente relacionada com a cajazeira e o umbuzeiro. Já Santos e Oliveira (2008), ao construírem um fenograma de trinta indivíduos de *Spondias* da Bahia, de Pernambuco e do Piauí, com base em 120 marcadores AFLP das combinações de *primers* EcoR1/Mse1, sugerem que a umbu-cajazeira e a umbugueira (*Spondias* sp.) são híbridos originados de cruzamentos do umbuzeiro com a cajazeira. Depois, Silva et al. (2015), em análise filogenética pelo código de barras de DNA de seis espécies de *Spondias*, identificaram que *Spondias mombin* e *Spondias tuberosa* são clados distintos e sugerem que a umbu-cajazeira é de origem não híbrida. Já Machado et al. (2015), em investigações moleculares, morfométricas, morfológicas e de divergência temporal com genótipos da Bahia, concluíram que a umbu-cajazeira é uma linhagem distinta e a nominaram como *Spondias bahiensis* P. Carvalho, Van den Berg & M. Machado, sp. nova. Já os revisores do gênero Mitchell e Daly (2015) relataram que no Nordeste do Brasil existe uma variante de *Spondias* localmente referida como umbu-cajazeira, que alguns afirmam ser um híbrido entre *S. mombin* e *S. tuberosa*, mas que pode ser simplesmente uma raça cultivada da *S. tuberosa* regionalmente popular. Nobre et al. (2018) confirmaram, pela combinação da análise de SNP com a filogenia do nrDNA, a origem híbrida de *Spondias bahiensis* e indicaram *Spondias tuberosa* como suposto genitor feminino e *Spondias dulcis* como provável genitor masculino.

Figura 1 - Árvores de umbu-cajazeira

(a)

(b)

Legenda: (a) táxon do Norte (2009); (b) táxon do Sul (2015).

Fotos: Francisco Xavier de Souza e Marlon Câmara Machado

A umbu-cajazeira do Norte também é encontrada nos estados de Alagoas, Pernambuco, do Piauí e de Sergipe, como resultado da introdução e disseminação pelo homem; do mesmo modo, o táxon do Sul também é encontrado no Norte de Minas Gerais, em Pernambuco e Sergipe.

Nos pomares domésticos do estado do Rio Grande do Norte, constatam-se variabilidades fenotípicas entre os genótipos de umbu-cajazeira; entre os frutos, uns possuem cascas lisas, outros rugosas, e ambos podem apresentar resquícios de carpelos, proeminentes ou não, na parte distal. Os genótipos da Bahia possuem maior variabilidade no formato de frutos, conforme mencionam Ritzinger et al. (2008). A literatura também relata variabilidade nas características químicas e físicas dos frutos (tamanho, formato e relação polpa/caroço), além de variações no formato das folhas, presença de túberas, entre outras. Como a propagação da maioria dessas árvores foi feita por estaquia, leva-se a crer que a hibridação ocorreu em tempos remotos e de forma natural.

A umbu-cajazeira é planta xerófita, caducifólia e nativa do semiárido do Nordeste brasileiro. O estágio vegetativo e reprodutivo adulto da planta é caracterizado pelo desenvolvimento imponente no aspecto fenotípico, com tronco relativamente baixo, revestido por casca lisa e acinzentada, podendo atingir mais de 6,0 m de altura, e com copa simétrica, larga e arredondada. A planta está dispersa em várias localidades do semiárido,

tanto na zona urbana como na zona rural; é comum a existência de árvores seculares em frente às residências, em quintais, em currais e em campos de pastagem. Porém, muitas dessas plantas são utilizadas para arborização, sombra e abrigo de animais, e grande parte da produção é perdida ou consumida por herbívoros. Isso ocorre em razão das longas distâncias até as agroindústrias, do desconhecimento do real valor econômico do fruto, da falta de iniciativa dos proprietários e de divulgação dos compradores. Segundo Soares Filho (2011) e Araújo et al. (2018), a umbu-cajazeira, apesar de ser planta típica do semiárido, também é encontrada na Mata Atlântica e no litoral, em decorrência de movimentos antrópicos, indicando a dependência humana para sua propagação e dispersão.